

Relato de Experiência Docente:

# “E A GENTE TEVE QUE APRENDER A CONVIVER”: reflexões sobre a prática do futsal em um processo coeducativo

ELABORAÇÃO

Prof. Me. Antonio Jorge Martins Malvar

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Junior

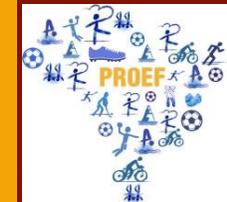
O PRESENTE TRABALHO FOI REALIZADO COM O APOIO E FINANCIAMENTO DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – BRASIL (CAPES)

Mestrado Profissional em  
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)





*"E a gente teve que aprender a conviver": reflexões  
sobre a prática do futsal em um processo  
coeducativo*



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	03
COEDUCAÇÃO	04
ANTES DA BOLA ROLAR	05
PARTICIPAR OU NÃO PARTICIPAR, EIS A QUESTÃO!	06
EM BUSCA DE ALTERNATIVAS	07
NOVOS MODELOS DE ENSINO PODEM AJUDAR?	08
RODA DE CONVERSA: DIÁLOGO É A SOLUÇÃO!	09
UMA IDEIA NA CABEÇA E UM GRAVADOR NA MÃO	10
QUESTÕES DISPARADORAS	11
DIÁRIO DE AULA: ANOTAR PARA NÃO ESQUECER!	12
ENTÃO, VAMOS JOGAR JUNTOS(AS)? (A UNIDADE DIDÁTICA)	13
PARA BOM ENTENDEDOR, ALGUMAS RESPOSTAS (OU ATITUDES) BASTAM!	14
BOLA PRA FRENTE, É HORA DA SUPERAÇÃO!	15
MAS SEMPRE TEM UMA PISADA DE BOLA!	16
E CONTINUA...	17
APITO FINAL	18
COM A PALAVRA, O PROFESSOR!	19
FALA MAIS, MESTRE!	20
REFERÊNCIAS	21

## APRESENTAÇÃO



- ▶ Esse material é fruto da dissertação de mestrado intitulada *A participação das meninas nas aulas de Educação Física: dilemas de um professor no ensino do futsal*.
- ▶ Embora inicialmente tenhamos estruturado a pesquisa no sentido de investigar os impactos dos modelos de ensino *Teaching Games for Understanding (TGfU)* e *Sport Education* na participação das meninas na prática do futsal nas aulas, os resultados encontrados foram redirecionando os caminhos da pesquisa, na medida em que as situações que denotaram o sexismo, a violência simbólica, a opressão e a dominação masculina se sobrepujaram aos aspectos relativos às aprendizagens técnico-táticas.

## COEDUCAÇÃO

É importante ressaltar que, segundo Costa e Silva (2002), a coeducação respeita a igualdade de oportunidades entre os gêneros, destacando, todavia, que escola mista e escola coeducativa não significam a mesma coisa, e que trabalhar a coeducação apenas introduzindo as meninas nas atividades, imaginando que, dessa maneira, está sendo garantida a igualdade de oportunidades “é, no mínimo, simplista e problemático, já que isto não assegura o acesso aos diversos tipos de saberes.” (COSTA; SILVA, 2002, p. 48).



## ANTES DA BOLA ROLAR...



Em minha experiência profissional de quase 30 anos na rede pública de educação, tenho observado ao longo do tempo um crescente desinteresse da maioria das meninas em participar de novas práticas corporais, restringindo essa participação às atividades já conhecidas e culturalmente vinculadas ao universo feminino como, por exemplo, o baleado (queimada), ou, o que é pior, simplesmente deixando de participar das aulas práticas.

Este problema se agrava quando a temática da aula é o esporte, principalmente quando abordo práticas consideradas tradicionalmente masculinas, como é o caso do futebol e do futsal.



## PARTICIPAR OU NÃO PARTICIPAR, EIS A QUESTÃO!

Os saberes atitudinais se apresentaram como o maior entrave para uma participação autêntica da maioria das meninas nas aulas, na medida em que identificamos que o sexismo estrutural operava por meio da violência simbólica, oprimindo e afastando essas alunas das aulas.

### SABERES ATITUDINAIS

Utilizar conhecimentos disponíveis para enfrentar situações novas ou inesperadas; saber trabalhar em equipe; mostrar-se solidário com os colegas; respeitar e valorizar o trabalho dos outros; e não discriminar as pessoas por motivos de gênero, idade ou qualquer outro tipo de característica individual (DARIDO, 2012).

### VIOLENCIA SIMBÓLICA

Se dá justamente pela falta de equivalência do capital simbólico (que está ligado à honra, o prestígio e o reconhecimento) entre as pessoas ou instituições. É cometida com a cumplicidade entre quem sofre e quem a pratica, sem que, frequentemente, os envolvidos tenham consciência do que estão sofrendo ou exercendo (BOURDIEU, 1989).

### SEXISMO ESTRUTURAL

Apresenta uma relação de supremacia dos homens em relação às mulheres, colocando-as em um papel de submissão, inferiorizando o feminino em relação ao masculino. É estrutural na medida em que é ligado à formação e ao funcionamento do Estado e de outras instituições sociais, pois incorporado na aplicação das decisões do grupo dominante (BOTTON et al., 2019; ALMEIDA, 2018).

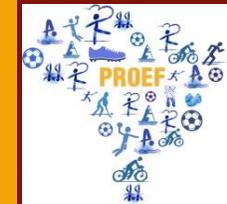
## EM BUSCA DE ALTERNATIVAS



Tive que buscar, entre outros aspectos, contemplar uma participação mais efetiva e, conseqüentemente, uma maior oportunidade de experimentação, aprendizado e aquisição de competências pelas meninas. Encontrei em novos modelos de ensino uma perspectiva de melhorar a autonomia dos(as) alunos(as) durante o processo de ensino e aprendizagem, democratizar a prática do esporte na escola através de uma maior inserção daqueles e daquelas considerados menos habilidosos(as), e tentar levar os(as) participantes a uma maior reflexão sobre sua prática dentro e fora do jogo.



“E a gente teve que aprender a conviver”: reflexões sobre a prática do futsal em um processo coeducativo



8

# NOVOS MODELOS DE ENSINO PODEM AJUDAR?

## TEACHING GAMES FOR UNDERSTANDING (TGfU)

Jogo Inicial

Apreciação do jogo

Consciência Tática

Tomada de decisões

Execução das habilidades

Desempenho

Jogo final

*As aulas de iniciação esportiva se baseiam em jogos reduzidos que se aproximem da estrutura do jogo formal (BUNKER; THORPE, 1982).*

## SPORT EDUCATION

Temporada esportiva

Filiação

Cronograma de jogos (competição formal)

Registro Estatístico

Festividade

Evento culminante

*Objetivo de solucionar, através de um ambiente que propicie autênticas experiências esportivas, os equívocos na relação da escola com o esporte (SIEDENTOP, 1994).*

## RODA DE CONVERSA: O DIÁLOGO É A SOLUÇÃO

A roda de conversa é um método vantajoso para coletar informações, esclarecer ideias e posições, discutir temas emergentes, com a possibilidade de se desenvolver em um clima de informalidade (SILVA; BERNARDES, 2007). Na proposta do TGfU, essa importante estratégia pedagógica é utilizada basicamente para discutir elementos técnicos e táticos da modalidade esportiva. Além desses elementos, trouxemos para nossas rodas de conversa questões sobre gênero e esporte, mais especificamente sobre futsal/futebol, com a utilização de **questões disparadoras** que “levantaram a bola” para opiniões de meninos e meninas.



## UMA IDEIA NA CABEÇA E UM GRAVADOR NA MÃO



Na maioria das vezes, as rodas de conversa aconteceram no início, no meio (junto com a roda de conscientização tática) e no fim das aulas onde utilizei o TGfU. Essas conversas foram gravadas e depois parcialmente transcritas para o diário de aula. Meu objetivo foi captar as impressões dos meninos e meninas sobre o jogo de futsal, como ações táticas e técnicas, o que eles(as) achavam de estarem jogando juntos(as) e, principalmente, suas opiniões sobre diversas questões de gênero.

# QUESTÕES DISPARADORAS



Há diferenças entre jogos e esportes para meninos e meninas? Por quê?

As meninas e meninos podem experimentar os mesmos jogos e esportes?

As meninas são aceitas igualmente nos jogos de futebol/futsal?

As dificuldades dentro do jogo foram iguais para meninos e meninas?

Vocês acham que meninos e meninas devem ter oportunidades iguais de praticar qualquer esporte? Por quê?

As meninas têm se sentido incluídas em todo o processo?

O que vocês acharam de jogar futsal juntos(as)?

Depois dessa experiência, vocês acham que as meninas têm capacidade de aprender a jogar bem o futsal?



## DIÁRIO DE AULA: ANOTAR PARA NÃO ESQUECER!

Os Diários de Aula são definidos por Zabalza (2004) como documentos em que professores e professoras anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas e que, do ponto de vista metodológico, fazem parte de enfoques ou linhas de pesquisa baseados em “documentos pessoais” ou “narrações autobiográficas”. Além de registrar os fatos ocorridos no decorrer das aulas, no nosso diário também registramos transcrições de áudios das rodas de conversa que eram usadas de forma recorrente como estratégias pedagógicas das aulas.



# ENTÃO, VAMOS JOGAR JUNTOS(AS)?

## A Unidade Didática:

13

AULAS	CONTEÚDO	OBJETIVOS
AULA 1	Problema Tático: manter a posse de bola.	Ler a situação de jogo antes de atuar.
AULA 2	Reunião sobre a aplicação do Sport Education.	Explicar como seria o campeonato de futsal, funções.
AULA 3	Problema Tático: manter a posse de bola.	Receber a bola e virar o corpo em direção à meta antes de atuar.
AULA 4	Primeira rodada do campeonato de futsal.	Iniciar o campeonato.
AULA 5	Problema Tático: manter a posse de bola.	Orientar-se no espaço, observar, escolher, realizar a ação.
AULA 6	Segunda rodada do campeonato de futsal.	Prosseguimento do campeonato.
AULA 7	Terceira rodada do campeonato de futsal.	Final do 1º turno do campeonato.
AULA 8	Problema Tático: manter a posse de bola.	Passar ao(à) companheiro(a) em melhores condições.
AULA 9	Quarta rodada do campeonato de futsal.	Início do 2º turno do campeonato.
AULA 10	Problema tático: criar oportunidades para marcar o gol.	Finalizar quando estiver em condições favoráveis.
AULA 11	Quinta rodada do campeonato de futsal .	Prosseguimento do campeonato.
AULA 12	Problema tático: Defender a meta.	Objetivo: responsabilizar-se pelo(a) adversário(a) direto(a), não seguir a bola.
AULA 13	Sexta e última rodada do campeonato de futsal.	Encerramento do campeonato.
AULA 14	Problema tático: evitar a progressão do ataque adversário.	Responsabilizar-se pelo(a) atacante direto(a); posicionar-se sempre entre o(a) atacante e a meta a ser defendida; regular a distância da marcação de acordo com a distância que se está da meta a ser defendida.
AULA 15	Avaliação final do desempenho técnico-tático e preparação das equipes para o evento final.	Avaliação e preparação.
AULA 16	Evento final: torneio de futsal.	Congratamento entre alunos e alunas.



## PARA BOM ENTENDEDOR, ALGUMAS RESPOSTAS (OU ATITUDES) BASTAM!



Ao ouvir as gravações das rodas de conversa, transcrevê-las e ler as anotações do diário de aula, observei que foram vivenciadas conquistas e superações pelas meninas, bem como aconteceram problemas, dificuldades e divergências, sendo estas em maior proporção. Algumas meninas mais participativas conseguiram ter uma evolução maior nos saberes procedimentais e atitudinais, enquanto a maioria não conseguiu romper com as barreiras impostas pelo sexismo estrutural e pela violência simbólica, que continuaram a desmotivá-las a uma participação mais efetiva.

## BOLA PRA FRENTE, É HORA DA SUPERAÇÃO!



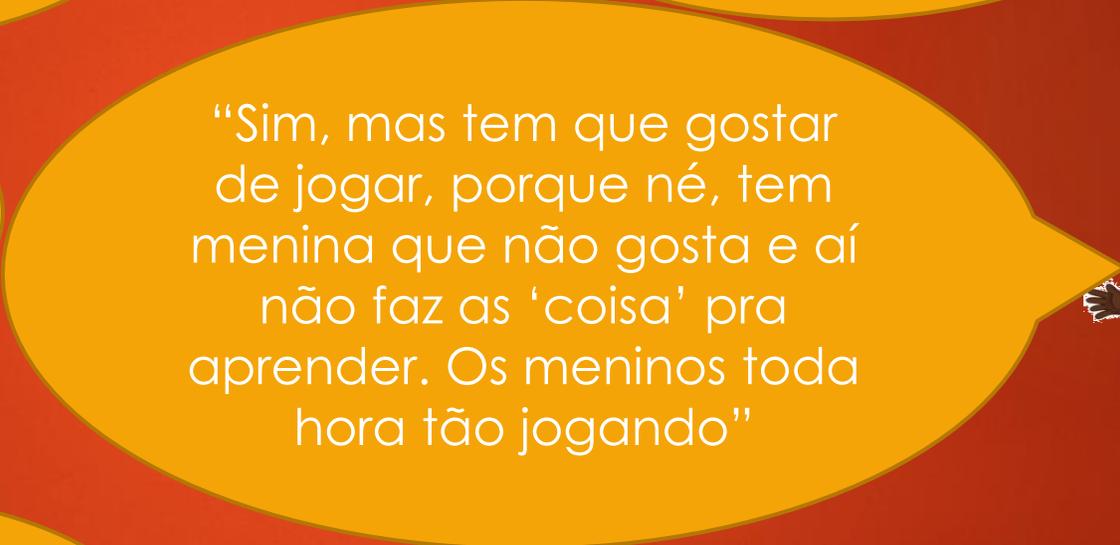
“Temos que ter  
os mesmos  
direitos dos  
meninos”



“E a gente teve  
que aprender a  
conviver”



“Por que a  
menina  
também  
aprende”



“Sim, mas tem que gostar  
de jogar, porque né, tem  
menina que não gosta e aí  
não faz as ‘coisa’ pra  
aprender. Os meninos toda  
hora tão jogando”



“Todos têm a  
mesma  
capacidade”



“Porque eu joguei mais,  
fiz gol, tirei bola do  
menino, melhorei, mas fiz  
tudo que o professor  
mandou”



## MAS SEMPRE TEM UMA PISADA DE BOLA!



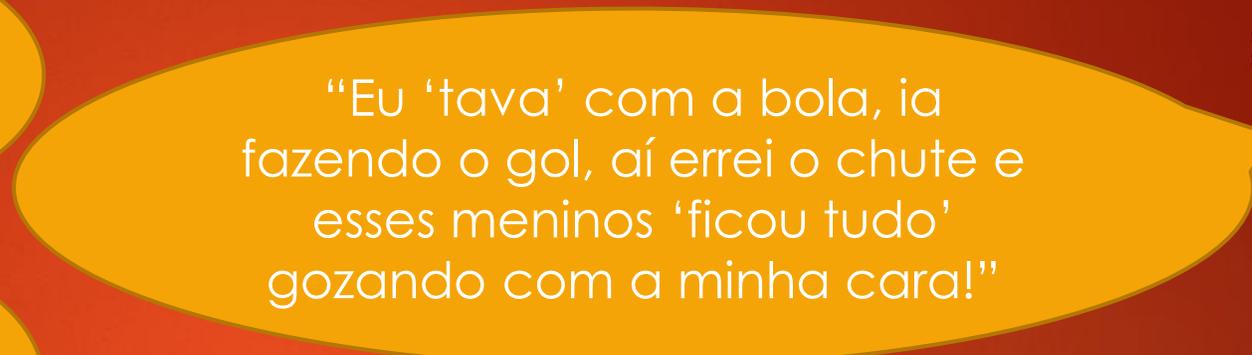
“Mas professor, eu não sei jogar!”



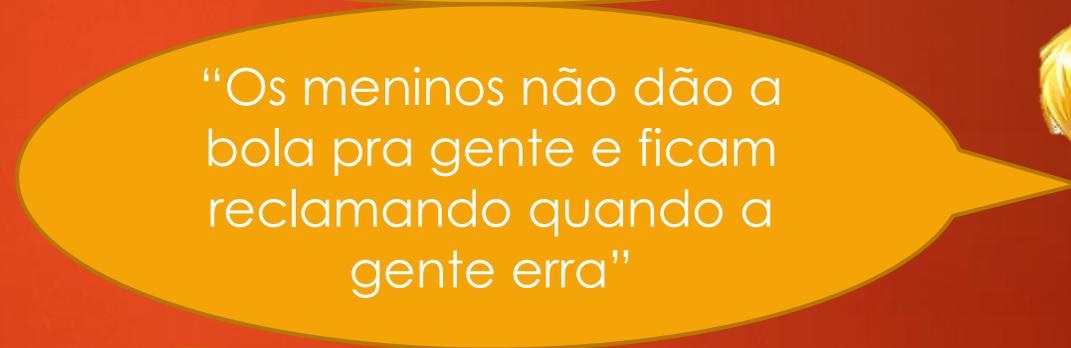
“Um bocado de maluca”



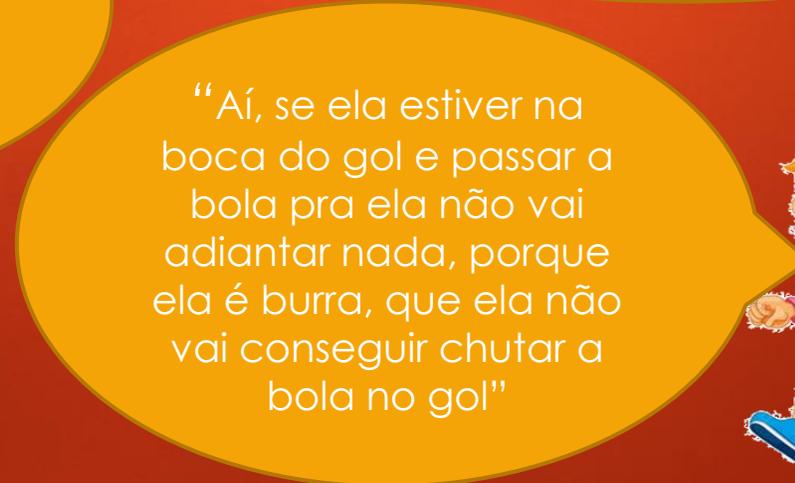
“Os meninos não deixam as meninas jogarem”



“Eu ‘tava’ com a bola, ia fazendo o gol, aí errei o chute e esses meninos ‘ficou tudo’ gozando com a minha cara!”



“Os meninos não dão a bola pra gente e ficam reclamando quando a gente erra”



“Aí, se ela estiver na boca do gol e passar a bola pra ela não vai adiantar nada, porque ela é burra, que ela não vai conseguir chutar a bola no gol”



“Claro, vocês não sabem jogar!”



## E CONTINUA ...



“Eu nem joguei com esses meninos chatos”



“Elas nunca vão conseguir”



“E eu não sei jogar futebol”



“Os meninos não passaram a bola pra gente”



“O povo fica dando risada de quem não sabe”



“Porque o menino que é do meu time ele não passa a bola, fiquei várias vezes na frente do gol e ele nunca passou a bola pra mim, e por isso que ele não vai jogar mais, na outra que a gente vai jogar, ele não vai”



“Só era bom quando elas não jogavam atrapalhando”

## APITO FINAL!

No desenvolvimento da unidade didática proposta, buscamos em diversos momentos, mais especificamente nas rodas de conversa, provocar a discussão e reflexão sobre os problemas de convivência, de desrespeito às diferenças e de descrença na capacidade das meninas em se engajarem na prática do futsal, tentando colaborar para a mudança de atitude não só dos meninos como também das meninas, que muitas vezes corroboram com a opinião dos meninos sobre esses assuntos. Essa “mudança” requer tempo, planejamento e dedicação, sendo uma meta a ser conquistada dia a dia, aula a aula, com provocações e reflexões dos(as) professores(as) e alunos(as) acontecendo frequentemente.

Podemos afirmar que, para as meninas da turma pesquisada, mais urgente que aprender a fazer uma linha de passe, finalizar ao gol ou fazer uma cobertura defensiva, era estabelecer um ambiente de aprendizagem que as fizesse sentirem-se seguras e acolhidas para não sofrerem *bullying* pelo simples fato de errarem um chute ao gol. Portanto, não se trata simplesmente da adoção de metodologias ativas para o ensino do esporte, mas de incorporar a essas metodologias um olhar privilegiado para os saberes atitudinais que devem deixar de ser tratados de forma tangencial ou como parte do currículo oculto, para se tornarem protagonistas do currículo manifesto das aulas de Educação Física.

## COM A PALAVRA, O PROFESSOR !

19

As atitudes dos meninos, em sua maioria, foram constantemente de não valorizar e, até mesmo, menosprezar qualquer ação das meninas que envolvesse a prática do futsal nas nossas aulas.

Essas manifestações de menosprezo, impaciência com os erros, comentários e expressões de ironia acabam por fragilizar e afastar ainda mais as meninas que já se sentem inseguras em um ambiente que culturalmente é considerado de domínio masculino.

Podemos identificar as diferentes formas de violência simbólica exercida contra a participação das meninas, tais como a falta de companheirismo, colaboração e respeito dos meninos que acabam por excluí-las do jogo efetivamente ou anulando a participação delas não passando-lhes a bola sob a alegação de que elas não sabem jogar.



Para as meninas os desafios da aprendizagem das competências técnico-táticas do futsal consistem em apenas uma fração dos desafios que elas precisam enfrentar a cada aula para legitimarem sua presença nos jogos de futsal.

## FALA MAIS, MESTRE !

Afinal, o que seria mais desafiador para elas, saber executar um passe ou não sofrer humilhação ou ser motivo de gozação por parte dos meninos?

Por não se considerarem “habilidosos(as)”, meninos e meninas acabam por abandonar as práticas corporais com receio de serem ridicularizados(as) e sentirem-se constrangidos(as) com as reclamações dos(as) colegas.

Algumas meninas tinham certa incredulidade em relação às suas próprias capacidades e falta de empatia com as colegas que apresentavam uma maior dificuldade de aprendizado.

Dessa forma, perpetua-se o sexismo estrutural que enreda todas as meninas como vítimas, fazendo com que aquelas que superam algumas barreiras provando-se competentes para jogar com os meninos, reproduzam os mecanismos de opressão, mas ao mesmo tempo, encontrem-se em permanente suspeição, podendo ser vitimadas pela mesma violência simbólica, pelo simples fato de serem meninas, a qualquer momento .

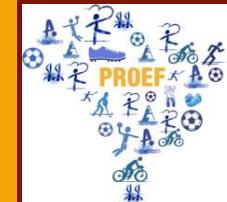


Também podemos observar que algumas meninas denunciam a exclusão sofrida por parte de meninos da turma, evidenciando que o exercício do sexismo estrutural não se faz sem qualquer tipo de resistência.



"E a gente teve que aprender a conviver": reflexões  
sobre a prática do futsal em um processo  
coeducativo

21



## REFERÊNCIA

MALVAR, Antonio Jorge Martins. **A participação das meninas nas aulas de Educação Física: dilemas de um professor no ensino do futsal**. 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2020.

## REFERÊNCIAS DE APOIO

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BOTTON, Andressa; STREY, Marlene Neves; ROMANI, Patricia Fasolo; PALMA, Yáscara Arrial. Sexo/Sexismo. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário Crítico de Gênero**. 2. ed. Dourados (MS): Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BUNKER David; THORPE, Rod. A model for the teaching of games in secondary schools. **Bulletin of Physical Education**, v. 19(1), p. 5-8, 1982.

COSTA, Maria Regina Ferreira; SILVA, Rogério Goulart. A Educação Física e a Co-Educação: igualdade ou diferença? **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 43-54, jan., 2002.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica. p. 51-75, v. 16, 2012.

SIEDENTOP, Daryl. **Sport education: Quality PE through positive sport experiences**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1994.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. Roda de conversas – Excelência acadêmica é a diversidade. **Educação**, Porto Alegre, v.61, n. 1, p. 53-92, jan./abr. 2007.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.